

GENTE / ZÉ LOBO



Texto e foto de Felipe Lobo

felipe.lobobarroca@gmail.com

Naquele dia, Zé fugiu da rotina. Era uma segunda-feira de manhã, o céu iluminado pelas primeiras luzes do verão intenso de dezembro, quando o despertador do relógio tocou. Embora o visor ainda marcasse seis horas, ele não pensou duas vezes: pulou da cama e vestiu uma de suas melhores roupas. Até o cabelo foi arrumado, após anos distante do pente. Na cozinha, preparou o tradicional leite com Nescau. Era a prova de recuperação na escola e ele havia estudado o mês inteiro. Enquanto seus amigos iam à praia, Zé ficava sentado em seu quarto, no Arpoador, de frente para o mar, com livros sobre a mesa. O mesmo acontecia à tarde, durante as rodas de violão, ou à noite, nas sessões de cinema ou festas. Mais do que passar de ano, ele não queria repetir a sétima série do Ensino Fundamental. Esta foi a primeira de três reprovações.

“O problema é que eu decidi abrir a janela para ver como estava o clima, se precisava levar um casaco para o colégio. Mas, logo à minha frente, vi um dia perfeito, sol escaldante e mar clássico, como o Arpoador não tinha há muito tempo. As ondas eram sensacionais”, diz. O resultado da equação não é difícil de descobrir, mas ninguém o explica melhor que o próprio protagonista da história. “A verdade é a seguinte: sétima série tem todo ano. Aquele mar, não.” E ponto final. A vida de Zé Lobo, carioca de 1961 nascido em São Paulo como Fernando José Cavalcanti Lobo, sempre foi assim: preto no branco. E vice-versa.

Ainda pequeno, descobriu a paixão que o acompanharia por toda a juventude: o surfe. Aliás, tudo ligado a esportes radicais o encantava. Zé cresceu e, ao lado da irmã, com quem brigava dia sim, outro também, vivia



Zé Lobo não abre mão de viver ao ar livre e perto do mar: seu objetivo é incentivar o uso da bicicleta para diminuir o número de carros em circulação no Rio

na praia. Ele, de prancha. Ela, de jacaré. Até que decidiu passar uma semana com os amigos na Ilha do Mel, no Paraná. Por lá ficou seis meses, de bermuda, sem camisa e descalço. Ligava para casa de 30 em 30 dias, só para dizer que ficaria mais um pouco. Com pouca grana no bolso, pescava e carregava malas de turistas para ganhar um trocado. No resto do tempo, surfava. Àquela altura, após abandonar o colégio e se formar em supletivos, vida melhor, impossível.

“O problema é que eu me casaria dentro de dois dias, e o Zé era o padrinho. Mas ele não queria voltar. O pai teve que mandar um helicóptero buscá-lo”, revela Tiza, a irmã. Na véspera do casamento, Zé saiu do quarto vestido com a roupa da cerimônia, para que a noiva aprovasse: calça Jean, tênis e camiseta. Saiu de lá carregado diretamente para uma loja de ternos. Com a irmã casada, mudou-se com a mãe e o padrasto para o frio do Canadá, em 1984. Lá, teve certeza absoluta de que largaria a faculdade de meteorologia e que voltaria para continuar o curso de programação visual.

Dono de um QI acima dos 130 pontos, muito acima da média, portanto, Zé Lobo se formou em Desenho Indus-

trial, habilitação em Programação Visual, pela UniverCidade (à época ainda chamada de Faculdade da Cidade) com algumas das notas mais altas. A sua vida, no entanto, sempre girou em torno do esporte: o surfe e, um pouco mais tarde, a bicicleta, companheira incontestada de sua viagem à Ilha do Marajó, no Pará. Com o auxílio de barcos e, principalmente, sobre duas rodas, ele rodou a região inteira durante pouco mais de um mês.

Em 1993, ao lado do sócio Luiz Felipe Hermeto (que, mais tarde, se tornaria seu cunhado), criou o Bicletário, primeiro sistema de aluguel de bikes no Rio de Janeiro. O negócio foi adiante e, após alguns anos de sucesso, chegou ao fim. Mas não a paixão pelas magrelas – e o ódio dos patins.

Por ironia, Zé terminou um namoro após nove anos e, aos 32, sonhava com as regalias da vida de solteiro. Mas elas não duraram muito tempo. Um belo dia, andando pelo calçadão do Arpoador, deu de cara com uma menina que, graciosamente, deslizava em cima de um par de... patins. Foi amor à primeira vista. Começaram a namorar. E ele, a subir em oito rodas. Quatorze anos depois, Zé e Erika estão casados e guardam, em casa, nove bi-

cicletas, 23 pares de patins e três tênis. Juntos.

Após se especializar em aplicação de vinil e design gráfico, Lobo fundou a Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip) Transporte Ativo (TA). Voltada para o fomento aos transportes movidos a propulsão humana, a entidade é, hoje, reconhecida em todo o planeta. No Brasil, foi ela a responsável por trazer eventos como a Vaga Viva (em que, durante um dia por ano, a TA aluga duas vagas de automóveis em pleno Centro da cidade, coloca grama artificial, bancos feitos de garrafas pet e mostra que o espaço público pode ter outras utilidades) e o desafio Intermodal (no qual diversos veículos

saem de um ponto em comum no Centro, na hora do rush, e chegam a uma praça do Leblon).

Conselheiro do projeto Kyoto Cities 20/20 World Challenge, criado pela ONG parisiense Ecoplan para falar de transportes sustentáveis, Zé também é representante no Brasil da ONG holandesa ICE. Por ela, viaja para conferências em todo o mundo a cada ano – esteve na Holanda, Bélgica, Alemanha e, em 2010, segue para a Dinamarca. Entre seus últimos feitos, está a Zona 30, anunciada no dia 22 de setembro pelo prefeito Eduardo Paes e que limita a velocidade dos veículos a 30 km/h em todas as ruas de Copacabana, com exceção das dez principais.

Com sorriso no rosto, Zé passa seus dias entre palestras, organização de eventos, reuniões com a prefeitura carioca, elaboração de relatórios sobre as atividades da Transporte Ativo e muitas entrevistas para jornais, televisões e rádios. A prancha de surfe, escondida em algum canto de seu apartamento em Copacabana (para onde se mudou após o casamento), sofre com a abstinência de seu proprietário, mas entende os motivos: apaixonado pelo mar, ele tem o sonho de reduzir consideravelmente o número de carros na cidade em que escolheu viver. E isso se consegue com os dois pés firmes no pedal.